

Os profissionais que temem perder seu emprego para a inteligência artificial

- Author, **Josie Cox**
- Role, **Da BBC Worklife**
- 28 abril 2023

Claire trabalha há seis anos como relações públicas em uma importante empresa de consultoria com sede em Londres. Ela tem 34 anos de idade, gosta do seu trabalho e ganha um bom salário.

Mas, nos últimos seis meses, ela começou a ficar apreensiva com o futuro da sua carreira. O motivo: a inteligência artificial.

"Não acho que a qualidade do trabalho que produz o ChatGPT possa ser comparada com as máquinas atuais", afirma Claire (seu sobrenome é omitido por questões de segurança profissional).

"Mas, paralelamente, estou surpresa ao ver como o ChatGPT ficou tão sofisticado em tão pouco tempo."

"Em questão de poucos anos, posso certamente imaginar um mundo em que um robô faça o meu trabalho com a mesma qualidade que o meu", afirma ela.

"Odeio pensar no que isso pode significar para minha empregabilidade."

Nos últimos anos, vêm proliferando as manchetes sobre robôs que "roubam" empregos humanos. E ferramentas de IA criativa como o ChatGPT ficaram rapidamente mais acessíveis.

Com isso, alguns profissionais estão começando a ficar ansiosos com o seu futuro e se perguntando se os seus conhecimentos serão relevantes para o mercado de trabalho nos próximos anos.

Em março, a Goldman Sachs publicou um relatório demonstrando que a IA pode substituir o equivalente a 300 milhões de empregos em tempo integral.

E, na última pesquisa global de mercado de trabalho realizada anualmente pela empresa de consultoria PwC, quase um terço dos participantes demonstrou preocupação com a possibilidade de que a sua função seja substituída pela tecnologia em três anos.

"Acho que muitos profissionais criativos estão preocupados", afirma Alys Marshall, redator de textos com 29 anos de idade, que mora em Bristol, no Reino Unido.

"Todos esperamos que os nossos clientes reconheçam [o nosso] valor e escolham a autenticidade [de um ser humano] e não o preço e a conveniência das ferramentas de IA."

No momento, os coaches profissionais e especialistas em RH afirmam que alguma ansiedade pode ser justificada, mas os profissionais precisam se concentrar naquilo que eles podem controlar.

Em vez de entrar em pânico com a possibilidade de perder seus empregos para as máquinas, eles devem investir em aprender como trabalhar lado a lado com a tecnologia.

Os especialistas acreditam que, se os profissionais a tratarem como recurso e não como ameaça, eles se tornarão mais valiosos para os potenciais empregadores, o que irá reduzir a sua ansiedade.

Medo do desconhecido

Para algumas pessoas, as ferramentas de IA criativas parecem ter surgido velozes e furiosas.

O ChatGPT da OpenAI parece ter se desenvolvido da noite para o dia e a "corrida armamentista da IA" cresce a cada dia, criando incerteza permanente entre os profissionais.

A coach profissional Carolyn Montrose, professora da Universidade Columbia em Nova York, nos Estados Unidos, reconhece que a velocidade das mudanças e inovações tecnológicas pode ser assustadora.

"É normal sentir ansiedade sobre o impacto da IA porque a sua evolução é fluida e existem muitos fatores de aplicação desconhecidos", afirma ela.

Mas, por mais inquietante que possa ser a nova tecnologia, ela também afirma que os profissionais não precisam, necessariamente, sentir temores existenciais. As pessoas têm o poder de tomar suas próprias decisões sobre a extensão da sua preocupação. Elas podem "decidir ficar ansiosas com a IA ou se sentir empoderadas para aprender sobre ela e usá-la em seu benefício".

Scott Likens, profissional da PwC especializado na compreensão de questões de confiança e tecnologia, concorda.

"Os avanços da tecnologia nos demonstraram que, sim, a tecnologia tem o potencial de automatizar ou agilizar os processos de trabalho", afirma ele. "Mas, com os conhecimentos certos, os indivíduos, muitas vezes, conseguem progredir lado a lado com esses avanços."

"Para reduzir a ansiedade sobre a rápida adoção da IA, os profissionais precisam mergulhar na tecnologia. Aprendizado e treinamento [são] fundamentais para que os profissionais aprendam sobre a IA e o que ela pode fazer para a sua função específica, além de ajudá-los a desenvolver novos conhecimentos", aconselha Likens.

Para ele, "em vez de fugir da IA, os profissionais devem se preparar para aceitá-la e aprender sobre ela".

Pode também ser útil lembrar que, segundo Likens, "não é a primeira vez que enfrentamos perturbações nas indústrias - da automação e fabricação até o varejo e o comércio eletrônico - e sempre encontramos formas de nos adaptar". De fato, a introdução de novas tecnologias, muitas vezes, foi angustiante para algumas pessoas. Mas Montrose explica que muita coisa boa surgiu dos desenvolvimentos do passado. Para ela, as mudanças tecnológicas sempre foram um ingrediente fundamental para os avanços da sociedade.

Independentemente da forma como as pessoas reagirem à IA, Montrose afirma que ela chegou para ficar - e pode ser muito mais útil manter a positividade e olhar para frente.

"Se as pessoas ficarem ansiosas em vez de agir para aprimorar seus conhecimentos, serão mais prejudicadas do que pela própria IA", segundo ela.

O valor do ser humano

Os especialistas afirmam que algum grau de ansiedade é justificado, mas talvez ainda não seja a hora de apertar o botão de pânico.

Pesquisas recentes demonstram que o temor de que os robôs ocupem os empregos humanos pode ser exagerado.

Uma pesquisa realizada em novembro de 2022 pelo professor de sociologia Eric Dahlin, da Universidade Brigham Young em Utah, nos Estados Unidos, concluiu que os robôs não estão substituindo os profissionais humanos na velocidade que a maioria das pessoas acredita - e, mais do que isso, que algumas pessoas também superestimam essa velocidade.

Durante a pesquisa, cerca de 14% dos profissionais afirmaram que tiveram seus empregos substituídos por robôs. Mas a tendência dos profissionais foi superestimar a velocidade e o volume dessa tendência - tanto entre os que perderam o emprego devido à tecnologia quanto os que não passaram por esta experiência. Nos dois casos, suas estimativas estavam muito além da realidade. "De forma geral, a nossa percepção de que os robôs estão tomando conta é muito exagerada. Os que não perderam o emprego estimaram aproximadamente o dobro [da realidade], enquanto os que perderam o emprego superestimaram em cerca de três vezes", afirmou Dahlin, ao apresentar sua pesquisa.

Embora ele afirme que algumas das novas tecnologias provavelmente seriam adotadas e implementadas sem considerar todas as implicações, também é verdade que "apenas a possibilidade de uso da tecnologia para alguma função não significa que ela será implementada".

Stefanie Coleman, chefe dos serviços de aconselhamento às pessoas da consultoria EY, também indica que não devemos esperar que a força de trabalho do futuro seja "binária". Em outras palavras, sempre será preciso existir uma combinação entre seres humanos e robôs.

Para ela, "os seres humanos sempre terão um papel a desempenhar nos negócios, realizando os trabalhos importantes que os robôs não conseguem fazer. Este tipo de trabalho normalmente exige qualidades humanas inatas, como a construção de relacionamentos, a criatividade e a inteligência emocional".

"Reconhecer a importância única dos seres humanos no mercado de trabalho, em comparação com as máquinas, é uma etapa importante para enfrentar os receios que rodeiam este tema", segundo Coleman.

Algumas semanas atrás, Claire - a profissional de relações públicas - decidiu começar a aprender mais sobre a tecnologia que está transformando seu setor. Agora, ela está pesquisando cursos online e espera conseguir aprender código.

"Muita tecnologia costumava me assustar e eu simplesmente a ignorava. Mas, por tudo o que estou vendo, isso é meio ridículo", afirma ela.

"Ignorar algo definitivamente não irá fazer com que aquilo desapareça. Estou começando lentamente a entender que, se me ocupar em me familiarizar com ela - fazendo com que seja menos assustadora -, ela pode realmente me ajudar muito."